

RESENHA: MEIA PORÇÃO DE SOL, PORÇÃO DE INTENSIDADE**REVIEW: HALF PORTION OF SUN, PORTION OF INTENSITY****DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e15905****Eduardo Cristiano Hass da Silva¹**

CARVALHO, Iara Maria. *Meia porção de Sol*. Natal: Offset Editora, 2021, 83p.

Meia porção de Sol é uma porção inteira de intensidade. Ao longo de 83 páginas, a autora nos convida a percorrer 49 poemas que, parecem articular suas memórias e o desejo ardente pela escrita: Pelo caminho; Apanha; Sina; Donas de casa; Antes do riso; Passagem; Na Filizola; Deslembranças; No batente; Minha mãe; Suave bolha; Por queê, Deus?; Bachianas; Não perdi, me perdi; Cinismo; Negaceio; Ilhada; Melancólica; O que tem de febre; Guardados; O Mar; Rio Ouse; Sondagem; Alexandre; Um homem em construção; Esmacendo; Mais do mesmo; Gaveta; Gula; Labaredas; Intransponível; Reamar; Dentro de um Mundo; Lua de mel; À maneira de Adélia; Amares; Subversiva; Está a vir; Entre frestas; Não sei me conter; Sob a casa; Noturna; Transmutação; Segredos; Ainda que só; Quase Crepúsculo; Sou a vida; Feriado e; A cura.

Iara Maria Carvalho é uma poeta nascida na cidade de Currais Novos, região do Seridó Potiguar. Graduada em letras e mestra em Estudos da Linguagem, sua biografia é marcada por publicações diversas, dentre as quais destacam-se os livros Milagreira (2011), Saraivada (2015) e o Cordel Currais Novos Bonita (2021). A atuação da poeta em diferentes espaços culturais da cidade de Currais Novos, em especial no espaço Casarão de Poesia, demonstram sua preocupação com a cultura, não apenas em nível local.

Antes de qualquer coisa, cabe salientar que, a narrativa construída nessa resenha, é a de um historiador, não a de um poeta ou estudioso da literatura. Dessa forma, desculpo-me se, por ventura, ao mobilizar Meia porção de Sol, quebre a narrativa poética da autora. Mesmo com o

¹ Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre, graduado (licenciatura e bacharelado) em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do Curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: eduardohass.he@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3906-5448>.

medo de sobrepor a narrativa histórica, me aventuro nessa jornada, com a consciência de que a literatura é parte da experiência histórica e de que, dois leitores não chegarão as mesmas conclusões:

A experiência histórica é, pois, composta de tudo que um historiador pode aprender aqui e ali em sua vida, em suas leituras e em sua convivência com outrem. Também não é de se espantar que não existem dois historiadores ou dois clínicos que tenham a mesma experiência, e que discussões sem fim sejam frequentes à cabeceira do doente (Veyne, 1982, p. 126).

Se considerarmos a memória como um fenômeno social, marcado pela articulação entre lembranças e esquecimentos, resultado da combinação de sujeitos, acontecimentos e lugares (Pollak, 1992), *Meia porção de Sol* configura-se como um evocador. Enquanto evocador, nos convida a visualizar cenários e acontecimentos protagonizados (ou não?) pela poeta (ou pelo eu lírico?). Em “*Pelo Caminho*”, poema que nos convida a adentrar na obra, Iara já nos traz elementos do espaço vivido, como:

Os mocós
correndo
nas cercas
de pedra
não me
espantam (Carvalho, 2021, p. 15).

É particularmente interessante como os mocós e as cercas de pedra são evocados na memória da poeta (ou do eu lírico?), sem cair em estereótipos sobre a região e o regional. Conforme aponta Albuquerque Júnior (2011), a literatura tem uma atuação significativa na construção e na reprodução de estereótipos sobre o Nordeste e o nordestino. No caso de Iara, as narrativas operam de forma diferente. A autora não evoca secas, retirantes e personagens messiânicos, mas sim, elementos do cotidiano dos sujeitos comuns, de sujeitos como aqueles de “*Perguntas de um trabalhador que lê*”, de Bertolt Brech (1935).

Para além dos mocós e cercas de pedra, Iara constrói seus poemas com o algodão, o couro, máquinas de costura, cajuína, entre outros tantos que, permitem pensar a respeito da cidade. Embora esteja certo de que a poeta não tenha a memória como objeto de sua obra, é inegável que ela ganha um papel central, mesmo que, o eu lírico tenha inveja dos que têm memória, como no poema “*Por quê, Deus?*”:

Eu tenho inveja
dos que têm memória
e contam a infância
com requinte de detalhes

que me dão água na boca (Carvalho, 2021, p. 32).

Enquanto em “Por quê, Deus?”, observamos o lamentar pelo não lembrar, “Gaveta” nos convida a visitar algumas memórias que talvez sejam incômodas e, por isso mesmo, algumas vezes tentamos esquecer:

Tenho uma gaveta
só de guardar mágoas.
De vez em quando,
sacudo sua poeira densa,
enquanto as folheio
com hastes taciturnas
das lembranças.
Se resolvo jogar fora
uma ou outra
descarto no vão dos recicláveis,
pois a magia tem potencial,
tão plástica que renasce
se eu tocar em seu ninho
de vespas e mentiras (Carvalho, 2021, p. 54).

Embora não estejam em evidência, as mágoas encontram-se na gaveta e, vez ou outra, podem retornar. Porém, identificamos o interesse em não esquecê-las por completo, uma vez que tem potencial e, plásticas, podem renascer ao serem tocadas.

Assim como em “Gaveta”, o poema “Deslembranças” também parece ter sido construído a partir do jogo entre lembranças e esquecimentos, articulando sujeitos, lugares e acontecimentos. Aqui, os sujeitos são, em especial, os avós, o lugar é o antigo sítio e o acontecimento é a venda do sítio:

Um século depois,
foi-se o sítio.
Memórias de um
século, eu não tenho:
nem de minha vida.
O que as fotografias
antigas me dizem
são da minha avó e eu,
mulheres de pouca
estatura, mas sorriso
vasto, carregando
um mantinho sem
graça na mão.
[...]
Venderam o sítio,
mas as chinelas dos
meus avós ainda
se arrastam por lá (Carvalho, 2021, p. 25-26).

Conforme podemos observar, mais uma vez o jogo entre lembrar e esquecer é trazido para cena e, nela, lembranças e esquecimentos se encontram na construção de uma narrativa de “Deslembranças”.

De forma geral, esse é apenas um convite, um chamado a conhecer não apenas Meia porção de Sol, mas a obra em geral da poeta, mulher, nordestina, Iara Carvalho. Talvez para convencer as leitoras e os leitores sobre minha hipótese da importância da memória nos poemas de Iara, encerro com algumas palavras do poema “A cura”, que fecha o livro:

Tenho a fibra das mãos gastas,
tão alvas quanto cabelo das avós.

Eu dançaria agora mesmo
com vovó se ela não tivesse morrido.

Permissão para dançar.
Permissão para adoecer de amor.
Permissão para beijar quem eu ainda não beijei.
Permissão para cair do planeta
e ir vagar noutros sistemas:
alegre
entre tijolos
intergalácticos. (Carvalho, 2021, p. 78-79).

Seja nas fibras gastas das mãos, fruto de atividades do passado, seja na comparação com o cabelo branco das avós ou, ainda, no desejo de dançar com a avó, caso estivesse viva, encontramos elementos do vivido, do lembrado, do esquecido, enfim, da memória da poeta que se confunde com a do eu lírico. São camadas temporais que, ao serem desfolhadas, permitem identificar elementos de tempos idos.

Sendo a memória um fenômeno do presente, é no presente que se pede “Permissão para dançar. Permissão para adoecer de amor.” (Carvalho, 2021, p. 79). É no presente que se constrói Meia porção de Sol, presente esse que, já é passado, e como qual, não poderá mais ser revivido, apenas lembrado.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5.ed. ver. São Paulo: Cortez, 2011.

BRECH, Bertolt. *Perguntas de um trabalhador que lê*. 1935.

CARVALHO, Iara Maria. *Meia porção de Sol*. Natal: Offset Editora, 2021.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 12 set. 2024.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Recebido em 12 de março de 2023

Aceito em 13 de setembro 2024